

# PREGÃO ESCOLÁSTICO

Recitado em 5 de Dezembro de 1914

pelo estudante do quinto ano

Francisco d'Assis Pereira Mendes

A' memória do saudoso douto e apaixonado  
entusiasta das Festas Nicolinas,

João de Meira.

Pio IX ao saber que a Festa não se fez  
Porque a rapaziada assim o compreendeu,  
Disse para consigo: — Ah! Ah! que desta vez  
S. Nicolau morreu...»

E até o D. Afonso, outr'ora tão valente,  
Baixinho, perguntou:  
—«Estudantada nova, ingénua e inocente,  
A Festa terminou,  
A Festa tão antiga, a Festa de nobrêsa,  
A mais original?  
Oh! nunca fosse rei da gente portuguesa,  
Nunca, para meu mal...»

Cada um assim pensava... ambos tinham razão...  
—Pois se o ano passado a Festa não brilhou!!  
O que lá vai, lá vai! termine-se a questão  
Que o nosso Nicolau ás lidas já voltou...

Guimarães já não tem, como antigamente,  
Um aspecto caduco, intriguista, indecente,  
Que ao nosso forasteiro outr'ora oferecia...  
Guimarães despertou de funda letargia  
E ao clarão duma luz fugiu do retrocesso  
E disse em alta voz:

—«Eu cá vou no progresso!  
Senão examinai:  
—Já viram alguma vez,  
Em sólo português,  
Cidade como a nossa, embelesada, enfim,  
Conhecida lá fóra — a Cidade-jardim?  
—Já viram em sitio algum (e como as coisas são!)  
Marquises de luar ás portas do Jordão?  
—Já viram alguma vez a luz que faz tonturas  
Que ou alumia bem ou nos deixa ás escuras?...  
—Quando é que já se viu tēplos em árdua guerra?  
Oliveira reclama e deita logo a terra  
O colega S. Paio e, nestes tempos maus,  
Semeia aquêlê largo a abundantes calhaus...  
—Onde é que se percorre (isto por dois tostões!)  
Quatro léguas ou três, de grandes dimensões,  
Como d'aquí 'té Braga em carros do Barroso?  
—Avante, Guimarães! caminha glorioso!!  
—Qual cidade é que tem (não vão julgar que é troça!)  
Esquadra policial activa como a nossa?  
—Quando é que já se deu (ouçam, tenham paciencia!)  
Ao ler-se um testamento,  
Herdarem capital o *Manduca* e a *Vicência*?  
—Quando é que Guimarães teve o suprêmo gôsto  
De, manhã cedo ou tarde, á hora do Sol-pôsto,  
Ouvir sinos tanger, com certo cuidadinho,  
P'lo nóvel e importante artista o *Arranjinho*?  
—Quando foi que as mulher's, á moda de Inglaterra,  
Declararam-se em greve, aqui, na nossa terra,  
Como no Castanheiro ha dias succedeu?  
—E depois, e depois?... tenham bem lá na vista:  
Quando das eleições, um grupo socialista  
Na cabeça lhe deu  
P'ra a urna concorrer; e, se o grupo vencesse,  
(P'êta não parece!)  
De braço erguido ao ar, diria em forte voz:  
—«Quem manda no *poleiro* agora sómos nós!  
Chegou enfim a voz ao povo lutador  
Que vivia oprimido, ha muito, como um fardo...»  
—Olha a mula, oh *Bernardo*!!

Quem do alto do castelo olhar por um funil  
A electrica verá, lá baixo, em Creixomil...  
Quem numa padaria o trigo fôr comprar  
P'la lei não poderá o pãozinho apalpar...  
Como qualquer pótinho á fonte não pôde ir  
Sem tēsto... p'ra o cobrir...  
Pois de contrário o guarda exclamará assim:  
—«P'lo código atendendo, oh filha, estás multada...  
Um 'scudo para a Câmara e outro para mim,  
Larga, não custa nada!»

—Deixa de ti falar, oh velho Guimarães  
E recebe de nós sinceros parabéns!...

—«Adeus, formosa flôr! é seu meu coração!  
Vá! não seja tão má! diga adeus...  
—«Queim, João?»

—«Casta donzela! seja meiga! ai! quem me dera  
Estar unido a si! Oh! que felicidade  
Seria para os dois, amôr... —«Não que antom era!

—«Sim, na realidade,  
Não sabe o quanto sófro... inenso padecer...  
—«Não que antom deve ser...  
—«Atenda ao que lhe digo, eu falo-lhe com fé...  
—«Isso! não que antom é...  
—«Feia!!... porque não crê na minha confissão?  
—«Queim? Jo... não vai, João...  
—«Malcreada mulher! p'ra si não torno a olhar...  
—«Stá bem, deixa ficar...

Um dia Guimarães ia sendo roubado.  
Vizela, sua filha, de sangue endiabrado,  
Dest'arte lhe falou:  
—«Mocidade p'ra mim, meu pai, já terminou.  
Cançada de viver, sem confortos, sem luz,  
Mal posso suportar o pêso desta cruz  
Que me aprofunda a dôr. Quero-me libertar,  
Juntamente co'os meus. Desejo-me casar,  
Ter uma vida nova, enfim, estar liberta,  
Dêste freio cruel que minha bôca aperta...  
Solte-me da prisão... que eu seja independente,  
Liberdade gosar como toda essa gente  
Que vive feliz. Pai: satisfaça ao pedido,  
Concêda-me o meu dote...»

E não compadecido,  
Furioso Guimarães, cançado e já velhote,  
A' filha respondeu:  
—«E' demais... todavia eu dar-te-ei o que é teu...  
Mas tanta pressa, filha, (êle disse sorrindo...)  
Não é tua essa ideia... isso vem do Armindo  
E de outros tantos mais. Querem-te desgrçar...  
A cantiga é de morte... a tua autonomia  
Só para depois... deixa-me a mim governar.  
Os de Vizela, então, queriam mais folia?  
Que esperem lá por isso!  
Maldito seja quem te meteu no toutiço  
Essa ideia mesquinha, avára e tão manhosa!  
Péssima educação, minha filha vaidosa!  
Ai de ti e dos teus! Mas isso o que me importa?  
Lá fóra, filha ingrata, anda, fóra da porta,  
Não 'stou p'ra te aturar...  
Poltrões! poltrões!! Pensavam em me matar...»  
E o velho Guimarães pondo a mão na barriga,  
Da afronta se vingou fazendo-lhe uma figa...

—Damas de Guimarães! Deusas cheias de graça!  
A luz do vosso olhar que nossa alma inebria  
E' balsamo suave... é brisa que perpassa...  
Dêste viver atroz sois a nossa alegria!  
Damas de Guimarães! oh anjos da bonança!  
Que a minha terra cria e conserva e retêm:  
Vós sois o nosso guia em quem temos esp'rança!  
Se padecemos nós, vós padeceis também.  
Damas de Guimarães: se a nossa Festa brilha  
E' porque auxílio ha, mas de certo valor!  
A ninfa que deslumbra, a deusa maravilha  
Da Festa a Nicolau — sois vós o Protector!

Rapazes, atenção:  
A lei de Nicolau decréta, nêste dia,  
A todo o estudante amigo da folia,  
Que o bombo entre em acção.  
Rufai valentemente! a Festa é de valor!  
—Que importa que arrebente a caixa ou o tambôr?  
—Que importa que o barulho aumente em grande escala  
Se cada pé! que estala  
Atrôa muito mais que os célebres canhões  
Usados lá na guerra? Avante! sem receio  
E força nos pulmões!  
Arrebetai, enfim, tudo de meio a meio!  
De parte a perfeição. Inutil é o acêrto.  
Instrumentos—deixai ficá-los sem concerto,  
P'ra que essa gente diga, hoje, nêste dia:  
—«Cada um dos canhões  
Da nossa artilharia  
Tem muito mais valor que os seis dos *alamões*!!»

Leão Martins.